

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL
São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia
Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/index>

V. 1, n. 2, jul./dez., 2023, p. 132-143.

A (DES)INTEGRAÇÃO DO HUMANO NA HUMANIDADE: DO NARCISISMO CONTEMPORÂNEO E NEOLIBERAL À SENSIBILIDADE SOLIDÁRIA

THE (DIS)INTEGRATION OF THE HUMAN IN HUMANITY: FROM CONTEMPORARY AND NEOLIBERAL NARCISSISM TO SOLIDARITY SENSIBILITY

*Thales Martins dos Santos**

RESUMO: Este artigo pretende pensar processos educativos que sejam capazes de promover uma integração do humano diante da fragmentação subjetiva na sociedade neoliberal. Em uma cultura que privilegia o individualismo, desconsiderando as relações inter-humanas, faz-se urgente lançar luzes à educação do sujeito para o desenvolvimento da sensibilidade solidária. Neste intento, o texto parte de uma análise sutil acerca do narcisismo contemporâneo para discutir as implicações éticas do neoliberalismo nas relações econômicas, políticas e sociais. Por fim, apresenta possíveis caminhos que conduzam à integração do humano na humanidade, a partir de processos que o despertem para a sensibilidade solidária.

Palavras-chave: Narcisismo; neoliberalismo; sujeito; educação; sensibilidade solidária.

ABSTRACT: *This article aims to consider educational processes that can promote the integration of the human amidst the subjective fragmentation in neoliberal society. In a culture that privileges individualism, disregarding inter-human relations, it becomes urgent to shed light on the education of the subject for the development of solidarity sensitivity. In this endeavor, the text begins with a subtle analysis of contemporary narcissism, and then discusses the ethical implications of neoliberalism on economic, political, and social relations. Finally, it presents possible paths that lead to the integration of the human in humanity, through processes that awaken him to solidarity sensitivity.*

Keywords: *Narcissism; neoliberalism; subject; education; solidarity sensitivity.*

INTRODUÇÃO

Por qual projeto de humanidade lutamos? Este é um questionamento que deve ser basilar em todas as reflexões e propostas educativas atuais. Diferentes e antagônicas são as narrativas

* Mestre em Ciências da Religião (UMESP). Licenciado em Filosofia (FAERPI) e Pedagogia (UMESP). Bacharel em Teologia (Pio-XI). Psicanalista. Membro dos grupos de pesquisa Capitalismo como Religião (CNPq) e RELAPSO – Religião, Laço Social e Psicanálise (PUC-SP/USP). Membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM).

que buscam legitimizar um poder político e econômico na sociedade. Em sua maioria, elas têm, por intenção, seduzir o ser humano e provocar um processo de conversão em seus valores e comportamentos. Disto, resulta o narcisismo contemporâneo e seus impactos na subjetividade humana a partir da cultura neoliberal. Os sujeitos neoliberais são considerados mercadorias que devem estar em constante competitividade entre si para atrair os olhares e, obviamente, o desejo dos consumidores. É sobre isto que se referia Margaret Thatcher quando, discursando acerca do sistema neoliberal, afirma: *a economia é o método; nosso objetivo é mudar o coração das pessoas*.

É inegável que o neoliberalismo se tornou muito mais do que um sistema unicamente econômico. Com efeito, alcançou e converteu o coração das pessoas, isto é, tornou-se social, cultural e político. Por isso, propomos como caminho de reflexão analisar a desintegração do humano que precisa novamente ser integrado à humanidade como condição de existência. Se na sociedade neoliberal privilegia-se o individual em detrimento do coletivo, somos convocados pela ética cristã a resistirmos pela via da sensibilidade solidária, na qual todos são acolhidos, defendidos e promovidos em sua dignidade humana.

1. BREVES NOTAS SOBRE O NARCISISMO CONTEMPORÂNEO

Em sua conferência no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em 1949, Jacques Lacan trouxe à tona um tema que permanece atual e relevante ainda hoje. Intitulado de “O estádio do espelho como formador da função do eu”, Lacan dita, nesta conferência, as suas considerações acerca da teoria do narcisismo pensada por Freud.¹

Recentemente, veiculou-se nas redes sociais uma pesquisa que apontava o período atual como a “era do narcisismo”.² Isto é, na sociedade atual o narcisismo tomou tamanha proporção que já não consegue passar despercebido diante dos novos (ou eternos) conflitos psíquicos. Contudo, esta constatação requer uma leitura para além do senso comum, tendo em vista que o narcisismo, a partir da psicanálise, assume considerações mais contundentes e propositivas do que uma simples popularização que o termo pode expressar.

Se por vezes afirmar corriqueiramente que este ou aquele alguém tem um traço narcisista significa dizer que este mesmo alguém tem um amor exacerbado por si mesmo, ou seja, um enamoramento patológico pelo seu próprio eu, numa análise freudiana da personalidade

¹ Para aprofundamento, sugerimos a leitura do texto Introdução ao Narcisismo (1914), de Freud.

² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/03/cultura/1486128718_178172.html. Acesso em: 23 fev. 2024.

narcísica, devemos afirmar que, na realidade, este eu, traz consigo uma forte insegurança que busca constante aprovação e, portanto, permanece atormentado, pois a sua imagem depende do olhar dos outros.³ Segundo Fromm, “é fato que os egoístas são incapazes de amar a outros, mas não são tampouco capazes de amar a si mesmos”.⁴

Para Freud, todavia, devemos pensar o narcisismo a partir de dois momentos: primário e secundário. No narcisismo primário, toda a libido (energia) do bebê é investida em si mesmo. A partir do narcisismo dos pais direcionado à criança é que esta sobrevive. Em razão deste amor recebido, o bebê se reconhece identificado com o outro como sendo uno. Por sua vez, o narcisismo secundário se dá por meio do investimento num objeto externo a si e do retorno desse investimento para o próprio ego.

Com base nessa teoria, Lacan aprofunda os processos de formação do eu e elabora a teoria do Estádio do Espelho, no qual o eu está ligado à imagem do próprio corpo. Porém,

começemos lembrando que o corpo que interessa à psicanálise não é o nosso organismo, corpo auscultado e tratado pela medicina. Não, o corpo que nos interessa decerto é nosso corpo vivo, mas tal como o amamos ou rejeitamos, tal como é inscrito em nossa história e tal como é envolvido na troca afetiva, sensual e inconsciente com nossos parceiros privilegiados.⁵

Nossas relações e interpretações no mundo constituem o ponto de interesse da clínica psicanalítica. E, além disto, a maneira como fantasiamos. Assim, podemos entender as diferentes categorias da teoria lacaniana: corpo real, corpo imaginário e corpo simbólico. De acordo com Násio, o *corpo real* é o corpo que sinto; o *corpo imaginário* é aquele que vejo; e o *corpo simbólico* é, ao mesmo tempo, meu corpo simbolizado, ele próprio símbolo e, acima de tudo, significativo, isto é, agente de mudanças operadas em minha realidade somática, afetiva e social.⁶

Retornando ao Estádio do Espelho Lacan afirma que, no processo de reflexão de si no espelho, o bebê constrói uma outra imagem de si. Mas esta imagem refletida é gerada a partir de um outro, por exemplo, da mãe ou da pessoa que exerce a função materna. Logo, o olhar do outro devolve a imagem refletida do que eu sou. Nesta primeira fase, o bebê se torna dependente da aprovação deste outro. Lacan denomina como *identificação primordial* a fase na qual se concebe uma imagem ideal de si mesmo, isto é, a partir do que o outro espera de mim.

³ FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 48-50.

⁴ FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966, p. 121.

⁵ NASIO, Juan David. *Meu corpo e suas imagens*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 74-75.

⁶ *Ibid.*, p. 75.

Para Násio, portanto, primeiro há o olhar dos outros, olhar que me reconhece ou me rejeita, mas que, de toda forma, influencia a imagem que tenho de mim mesmo. Depois, há meu próprio olhar interior, soma de todos os olhares dos outros introjetados ao longo do tempo. Esse auto olhar traduz-se frequentemente por uma consciência moral que me lisonjeia ou critica, me elogia ou condena. Mas seja exterior ou interior, o olhar do outro permanece o principal agente formador da imagem de si.⁷

Em seu livro *Na sala do Espelhos*,⁸ Liv Strömquist traz a problemática da visibilidade subjetiva reflexa de uma maneira lúdica e precisa. Ao pensar a autoimagem em transe ou beleza e autenticidade como mercadoria na era dos *likes* e outras encenações do eu, a autora elabora um verdadeiro tratado sobre as aparências e as ilusões do eu.

Aquilo que projetamos ou que projetam para nós como ideal, tem levado uma geração inteira a sentimentos de ansiedade, raiva, tristeza e frustração. E por quê? Por não serem capazes de corresponder aos ideais impostos pela cultura neoliberal do consumo, onde a competência de si em todas as dimensões é condição para ser e estar no mundo (ser visto e reconhecido).

Para agradar ao outro, na tentativa de vender a sua imagem e receber *likes*, o outro assume diferentes imagens, buscando corresponder aos ideais dos consumidores. O eu tornou-se uma mercadoria que está atravessada pela relação de oferta/procura, compra/venda, ao passo que já não sou o que eu quero, mas aquilo que (supostamente) a sociedade espera de mim. Ou ainda, busco imitar o desejo do outro para ser como idealizo que ele seja. Temos, diante deste cenário, um sujeito fragmentado. Nas palavras de Lacan,

O estádio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.⁹

Como consequência deste mecanismo, necessitamos de modelos que se apresentam a nós para serem imitados, perseguidos e, quiçá, alcançados. Não há autenticidade na imagem de si, apenas uma cópia, quase platônica, de um outro idealizado. Cansados de um corpo real, buscamos uma fantasia que corresponda à idealização do sujeito.

⁷ *Ibid.*, p. 146.

⁸ STRÖMQUIST, Liv. *Na sala dos espelhos: autoimagem em transe ou beleza e autenticidade como mercadoria na era dos likes & outras encenações do eu*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2023.

⁹ LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. *XVI Congresso Internacional de Psicanálise*, Zurique, 1949, p. 100.

Em seu livro, Strömquist apresenta a teoria de Renè Girard acerca do desejo mimético, isto é, o desejo de imitação. De acordo com a teoria mimética, somos propensos a imitar padrões, não superando a fase da fragmentação do eu em direção à formação do sujeito. Permanecemos no estágio infantil, onde necessitamos de uma imagem refletida que nos diga como devemos ser.

Nessa corrida, sempre estamos aquém do desejado, insatisfeitos com o resultado, talvez porque esteja além dos nossos limites e condições humanas. A problemática teorizada por Lacan traz luz aos desafios contemporâneos da constituição narcísica do ser humano - o processo de formação do eu. Pensar acerca disto é de grande relevância, haja vista a colonização subjetiva dos afetos exercida pela cultura capitalista neoliberal. O espelho ao qual todos contemplam a imagem ideal está para além da nossa escolha, e tem destruído a capacidade humana de manter relações sociais. É válido o questionamento colocado por Erich Fromm, em sua obra *A arte de amar*:

Se o amor é uma capacidade do caráter produtivo e maduro, segue-se daí que a capacidade amar, num indivíduo que viva em qualquer cultura dada, depende da influência dessa cultura sobre o caráter da pessoa comum. Se falamos de amor na cultura ocidental contemporânea, temos de indagar se a estrutura social da civilização ocidental e o espírito dela resultante são de molde a conduzir ao desenvolvimento do amor.¹⁰

Embora seja um texto escrito por Fromm no final do século XX, a ideia central responde à complexidade atual. Pensar as relações humanas, particularmente a capacidade de amar, implica pensar a cultura na qual o ser humano está inserido. Segundo Gilles Lipovetsky, na mudança do capitalismo moderno para o neoliberal,

Instala-se um novo estágio de individualismo: o narcisismo designa o surgimento de um perfil inédito do indivíduo nas suas relações consigo mesmo e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo no momento em que o “capitalismo” autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo.¹¹

Deste modo, não é possível pensar o neoliberalismo atualmente sem nos confrontarmos com a sua produção subjetiva no humano, tendo em vista que todas as relações humanas, desde o econômico ao sociopolítico, estão vinculadas às narrativas de poder e subjetivação neoliberal.

¹⁰ FROMM, Erich. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991, p. 101.

¹¹ LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio*: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005, p. 32.

2. CADA UM POR SI. E QUEM POR TODOS?

Tratar sobre o neoliberalismo exige de nós uma delimitação na análise, haja vista que precisamos pensá-lo como um sistema social. Deste modo, um estudo aprofundado demandaria um espaço além do que pretendemos com este artigo. Neste sentido, buscaremos apresentar algumas noções que julgamos necessárias para demonstrar a inversão ética pretendida pelo pensamento neoliberal, diante da qual o individualismo torna-se um hábito a ser seguido, inclusive, como uma atitude de benevolência em relação ao outro, tendo em vista que “egoísmo e o amor-próprio, longe de serem idênticos, são de fato opostos”.¹²

É preciso ter claro que, quando pensamos em neoliberalismo, não estamos nos referindo apenas a uma teoria econômica, se não a um sistema que perpassa todas as dimensões sociopolíticas, econômicas e culturais. Para Jung Mo Sung, “o discurso dominante hoje apresenta o capitalismo contemporâneo como um sistema social que não há alternativa”.¹³ Não é difícil entender esta afirmação quando nos deparamos com produções e relações capitalistas em todos os espaços e instituições. A própria instituição familiar, tornou-se presa fácil do sistema neoliberal, ao passo que toda a sua estrutura está afetada pelas demandas cada vez maiores de otimização e performance, por exemplo, no distanciamento entre pais e filhos em razão das exigências do mercado de trabalho.

Torna-se ainda mais preocupado o fato de já não mais se discutir sobre esta realidade, tendo-a como consequência natural de um sistema para o qual, como dito anteriormente, não haveria alternativa. E, qualquer tentativa de questionamento ou suspeita, tão logo é engolida pela máquina dos excessos capitalistas, tanto de produção quanto de consumo, à exemplo do filme *Tempos Modernos* (1936), quando a personagem principal, protagonizada por Charlie Chaplin, é sugada pela máquina industrial.

Diante deste cenário, podemos considerar que,

Com o surgimento do capitalismo, há uma mudança profunda no papel do mercado na vida social. Há a criação de um mercado que não se submete, ou que não pretende se submeter a regras de outras instâncias – como da moral, religião, política ou necessidades sociais – a não ser as suas próprias. O neoliberalismo é a proposta de realização dessa visão utópica de um mercado totalmente isento de preocupações de outra ordem que não a liberdade do mercado e de acumulação do capital. O contrato e a propriedade privada se tornam únicas regras estáveis, e nenhum valor ou princípio “tradicional”,

¹² FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966, p. 121.

¹³ SUNG, Jung Mo. *Sujeito e sociedades complexas*: para repensar os horizontes utópicos. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 93.

natural, religioso, ou “humanista” pode ser usado como fundamento para intervenção no mercado.¹⁴

Se o neoliberalismo dispensa qualquer preocupação que não esteja vinculada à liberdade do mercado e à acumulação do capital, logo, o cuidado com os mais vulneráveis (não-consumidores) estará totalmente ausente de suas pautas. É fato que “persistem hoje, no mundo, inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo econômico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem”.¹⁵ Na realidade, no sistema neoliberal, “quem obedece plenamente aos impulsos de seu interesse próprio e se insere, competitivamente, nos mecanismos do mercado pode estar tranquilo de que encontrou a melhor maneira de fazer o bem a seus semelhantes”.¹⁶ A busca pelo sucesso individual, em detrimento dos outros, tornou-se uma nova lei moral. Isto é, busca-se valorizar e promover o indivíduo, e não a sociedade. O amor ao próximo se concretiza à medida que busco o meu próprio interesse.¹⁷ Em outras palavras, “os destinos do desejo assumem, pois, uma direção marcadamente exibicionista e autocentrada, na qual o horizonte intersubjetivo se encontra esvaziado e desinvestido das trocas inter-humanas”.¹⁸

Em entrevista ao Jornal *Sunday*, em 1981, a primeira-ministra do Reino Unido, Margaret Thatcher, afirmou justamente esta ideia: “o que me tem irritado no direcionamento da política nos últimos 30 anos é que sempre tem sido em direção à sociedade coletivista. Pessoas esqueceram de sociedade de indivíduos”.¹⁹ Deparamo-nos, portanto, com um projeto de poder no qual toda a energia está direcionada ao indivíduo, ao sujeito em si, como único interesse do sistema. Deste modo,

Tornando o Eu o alvo de todos os investimentos, o narcisismo se dedica a ajustar a personalidade à atomização sorrateira engendrada pelos sistemas personalizados. Para que o deserto social seja viável, o Eu deve se tornar a

¹⁴ GEBARA, Ivone; SUNG, Jung Mo. *Direitos Humanos & Amor ao Próximo: textos teológicos em diálogo com a vida real*. São Paulo: Recriar, 2020, p. 115.

¹⁵ FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020, n. 22.

¹⁶ ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz. *A idolatria do mercado: ensaio sobre Economia e Teologia*. São Paulo: Vozes, 1989, p. 175.

¹⁷ Sobre o egoísmo, Erich Fromm esclarece: “a pessoa egoísta só se interessa por si mesma, quer tudo para si, não sente prazer em dar, mas somente em tomar. O mundo exterior é olhado apenas quanto ao que dele pode ser tirado; ela carece de interesse pelas necessidades dos outros e de respeito pela sua dignidade e integridade. Nada pode ver além de si própria; julga todos e tudo sob o ponto de vista de sua utilidade para si: é fundamentalmente inapta para amar”. FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966, p. 121.

¹⁸ BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 24.

¹⁹ THATCHER, Margaret. *Interview for Sunday Times*. Margaret Thatcher, London, 1981 (May, 1st). Disponível em: <https://www.margaretthatcher.org/document/104475>. Acesso em: 12 abr. 2024.

preocupação central: a relação está destruída, mas pouco importa, já que o indivíduo está apto a se absorver em si mesmo.²⁰

Todavia, na cultura neoliberal, tendo considerado prevalecer o indivíduo e seus desejos, e, por isso, a ideia de coletivo abandonada, qual é o espaço que o outro ocupa? Trabalhamos com a hipótese de que, na perspectiva neoliberal, o outro é aquele com quem rivalizo para não apenas imitar, mas, sobretudo superar, e, se possível, destruir.

3. SENSIBILIDADE PARA UM PROJETO DE HUMANIDADE SOLIDÁRIA

Diante de nós se repete uma das questões bíblicas originárias: “Onde está o teu irmão?” (Gn 4,9). Talvez, a resposta fosse a mesma do Gênesis, uma vez que a expressão “guardar”, utilizada nas traduções bíblicas para a resposta de Caim a Deus, denota o cuidado e a proteção em relação a algo e/ou alguém. *Por acaso deveria eu ser o guarda de meu irmão?* Para o neoliberalismo, a resposta certamente seria não. Neste ponto, retornamos ao pensamento de Renè Girard, para quem as relações humanas são confrontadas por um mecanismo mimético. Primeiramente, este mecanismo é alimentado por um desejo mimético que depois se torna rivalidade mimética, podendo avançar para uma crise mimética.²¹ Acerca disto, Susin observa que:

O drama do desejo mimético caminha irreversivelmente para a tragédia quando as relações de imitação, em que o outro se torna ao mesmo tempo modelo e rival em torno de um objeto, se exacerba de tal forma que acaba se esquecendo do objeto e se dirige inteiramente ao outro, o modelo-rival. Desaparecido o objeto original, nada mais impede a assimilação violenta do outro. Quando isso acontece de forma coletiva, há necessariamente a criação de vítimas expiatórias da violência coletiva, sacralizadas, para que devolvam a ordem perdida.²²

É importante considerarmos esta dinâmica de imitação existente entre os seres humanos, capaz de levá-los a rivalizar entre si na busca por um mesmo objeto que, por sua vez, pode representar uma posição social. O projeto neoliberal de sociedade incentiva e promove a competição, inclusive, porque necessita dela para a garantia de sua manutenção. O livre-comércio é retroalimentado pela constante competição entre os indivíduos. A partir disto, diante do indivíduo neoliberal, o outro serve somente “como instrumento para o incremento da

²⁰ LIPOVETSKY. *A Era do Vazio*, p. 37.

²¹ GIRARD, Renè; ANTONELLO, Pierpaolo; ROCHA, João Cezar de Castro. *Evolução e conversão: diálogos sobre a origem da cultura*. São Paulo: É Realizações, 2011.

²² SUSIN, Luiz Carlos. Da religião do sacrifício à religião da fraternidade. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, set./dez., 2010, p. 381.

autoimagem, podendo ser eliminado como um dejetto quando não mais servir para essa função abjeta”.²³

De acordo com o Papa Francisco, “nessa luta de interesses, que coloca todos contra todos, em que vencer se torna sinônimo de destruir, como se pode levantar a cabeça para reconhecer o próximo ou ficar ao lado de quem está caído na estrada?”.²⁴ A indiferença está na contramão da proposta evangélica, na qual todos são irmãos (Mt 23,8). Inaugura-se, pela ética cristã, um caminho pelo qual o indivíduo assume um lugar social que ultrapassa os limites do seu próprio eu, alcançando o horizonte do outro (*alter*). Uma exigente saída do egoísmo para a solidariedade. Segundo Birman, “a solidariedade seria, assim o correlato de relações inter-humanas fundamentadas na *alteridade*. Para isso, no entanto, seria necessário que o sujeito reconhecesse o outro na *diferença e singularidade*, atributos da alteridade”.²⁵

É imperativo resgatarmos relações de solidariedade e de cooperação, tendo a responsabilidade e a honestidade de nos reconhecermos imersos nesta dinâmica ambivalente e ambígua de confronto entre humanos.²⁶ Neste sentido, a criação de espaços potenciais para a convivência social é urgente. Espaços e contextos sob a forma de uma potencialidade aberta à alteridade. Para Erich Fromm,

A capacidade de amar depende da capacidade de emergir do narcisismo e da fixação incestuosa à mãe e ao clã; depende de nossa capacidade de crescer, de desenvolver uma orientação produtiva em nossas relações para com o mundo e para conosco mesmos. Esse processo de emersão, de nascimento, de despertar requer, como condição necessária, uma qualidade: a fé.²⁷

Porém, a compreensão de fé, aqui pensada, escapa da transcendentalidade própria à religião, e se estabelece enquanto fé na humanidade, sobretudo em suas potencialidades e, por isto, requer a coragem e a disposição de se colocar diante do outro.²⁸ É dever ético de todos educar as novas gerações – e atuais – para a sensibilidade solidária. Entrementes, “para se caminhar rumo à amizade social e à fraternidade universal, há que fazer um reconhecimento

²³ BIRMAN. *Mal-estar na atualidade*, p. 25.

²⁴ *Fratelli Tutti*, n. 16.

²⁵ BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade*, p. 25.

²⁶ ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 205.

²⁷ FROMM. *A arte de amar*, p. 144.

²⁸ Ainda, “aqueles que se preocupam seriamente com o amor como a única resposta racional ao problema da existência humana devem, então, chegar à conclusão de que importantes e radicais mudanças em nossa estrutura social são necessárias, para que o amor se torne um fenômeno social, e não um fenômeno altamente individualista e marginal”. FROMM. *A arte de amar*, p. 156.

basilar e essencial: dar-se conta de quanto vale um ser humano, de quanto vale uma pessoa, sempre e em qualquer circunstância”.²⁹

A Catequese, enquanto processo de Iniciação à Vida Cristã e, portanto, de abertura e acolhida à ética evangélica, torna-se um espaço privilegiado para o reconhecimento da dignidade humana, estabelecimento de relações fraternas e, sobretudo, educação à sensibilidade solidária. Faz-se mister superar estruturas catequéticas onde as formulações dogmáticas ocupem o lugar central do itinerário discipular-missionário, ao qual todo cristão é chamado. Neste itinerário, a exemplo do Mestre, todos os cristãos, iniciados na fé ou em processo de iniciação, devem se comprometer com a promoção integral da vida humana, para que todos a tenham em plenitude (cf. Jo 10,10).

Dito isto, consideramos que o itinerário catequético precisa, constantemente e por fundamento, reafirmar que o ser humano não pode ter o seu valor decretado por aquilo ou pelo quanto que consome, mas sim em sua própria condição de existir. Por isso, “todo ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente”.³⁰ Educar para a sensibilidade solidária requer a missão de distinguir os diferentes projetos de sociedade. De um lado, o neoliberalismo centraliza os direitos unicamente nas relações de contrato e propriedade no interior do mercado. Do outro lado, em diferente perspectiva, estão aqueles que compreendem a vida humana como um dom em si e que, portanto, está acima da lógica do mercado e da acumulação e riqueza.

O mercado não pode ser o critério ético acerca da vida humana. Disto resulta o dever ético de provocar uma educação à sensibilidade solidária, pela qual se promova uma sociedade onde haja espaço para todos (con)viverem com dignidade e prazer, e na qual o mercado esteja a serviço da vida humana. Na ética evangélica, encontramos o Deus de Jesus Cristo que é reconhecido por sua capacidade de Amar (Jo 15,12) e que propõe um projeto de humanidade no qual todos são incluídos e respeitados em sua dignidade, tornando-se uma comunidade fraterna (cf. Gl 3,28).

CONCLUSÃO

Pensar o narcisismo na sociedade contemporânea é fundamental para propor processos educativos que promovam o ser humano a uma cultura da alteridade. Importa considerar que, como dito inicialmente neste artigo, o sujeito necessita de uma dose de narcisismo entendido

²⁹ *Fratelli Tutti*, n. 106.

³⁰ *Ibid.*, n. 107.

enquanto amor-próprio, caso contrário se tornará refém das opiniões externas a si mesmo e, ainda mais, buscará apenas ser um reflexo do outro. Contudo, o narcisismo em excesso – alimentado a partir da cultura neoliberal – isola o sujeito em si, retirando-o das relações inter-humanas e gerando uma postura egoísta e indiferente diante da comunidade humana.

Neste sentido, precisamos pensar em processos educativos que sejam capazes de retirar o ser humano desta jaula narcísica para fazê-lo experimentar relações de amizade social, nas quais não haja espaço para disputas e rivalidades que privem o humano da humanidade, mas onde seja possível pensar e trabalhar por um projeto comum de solidariedade. Esta é uma condição fundamental para a possibilidade de sobrevivência humana e ecológica. Por isso, sendo, igualmente, um processo educativo, a Catequese tem, por missão primeira, pensar caminhos que provoquem uma reflexão acerca das relações humanas e dos projetos de sociedades pelos quais almejamos realizar.

BIBLIOGRAFIA

ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz. *A idolatria do mercado: ensaio sobre Economia e Teologia*. São Paulo: Vozes, 1989.

ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FROMM, Erich. *Análise do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

GEBARA, Ivone; SUNG, Jung Mo. *Direitos Humanos & Amor ao Próximo: textos teológicos em diálogo com a vida real*. São Paulo: Recriar, 2020.

GIRARD, Renè; ANTONELLO, Pierpaolo; ROCHA, João Cezar de Castro. *Evolução e conversão: diálogos sobre a origem da cultura*. São Paulo: É Realizações, 2011.

LACAN, Jacques. *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*. XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 1949. p. 96-103. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7670460/mod_resource/content/1/O%20Est%C3%A1dio%20do%20Espelho%20%281949%29.pdf. Acesso em: 08 de abr. de 2024.

LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Barueri: Manole, 2005.

NASIO, Juan-David. *Meu corpo e suas imagens*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

STRÖMQUIST, Liv. *Na sala dos espelhos: Autoimagem em transe ou beleza e autenticidade como mercadoria na era dos likes & outras encenações do eu*. São Paulo: Quadrinhos na Cia, 2023.

SUNG, Jung Mo. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SUSIN, Luiz Carlos. Da religião do sacrifício à religião da fraternidade. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 378-389, set./dez., 2010.

THATCHER, Margaret. *Interview for Sunday Times*. Margaret Thatcher, London, 1981 (May, 1st). Disponível em: <https://www.margareththatcher.org/document/104475>. Acesso em: 12 abr. 2024.